

Macedo Miranda
grande amigo
Luan

Luto oficial

Cerca das 17 horas, chegava ao gabinete do prefeito a notícia da morte de Macedo Miranda. Recebeu a o dr. Lucas Neves Cordeiro, secretário da Prefeitura.

Imediatamente, por determinação do prefeito Aarão Soares da Rocha e com a aquiescência da família, providências foram tomadas para que o corpo de Macedo Miranda fosse removido do Hospital Pedro Ernesto, no Rio, para Resende, às expensas da municipalidade.

Jornais do Rio e de São Paulo, entre eles o «Jornal do Brasil» e o «Estado de São Paulo», telefonavam, querendo saber que homenagens a terra natal prestaria ao grande romancista que acabava de falecer.

Complementando as homenagens póstumas da municipalidade resendense, o prefeito Aarão Soares da Rocha assinou decreto estabelecendo luto oficial por três dias.

A LIRA

ANO 76 — RESENDE - RJ — 9 de março de 1974 - Nº 10

Fundadores:

ÁLVARO SILVA
ADEMAR VIEIRA

Diretores:

JOSÉ AMARAL DE MATTOS
FÚLVIO ABRAMI STAGE

Editor:

Frederico Carvalho

Secretário:

Mário Ferreira

MORREU MACEDO MIRANDA

Depois de longo sofrimento, provocado por sua grande resistência, de um lado, e pela dedicação de seus médicos assistentes, de outro, o maior escritor resendense sucumbiu afinal, às quatro e meia da tarde do dia 5 de março, três dias antes de completar 54 anos, vitimado por violento enfarte do miocárdio, quando já estava no extremo limite de suas forças, minado por um câncer do esôfago que em 15 dias praticamente liquidou-lhe toda a parte superior dos aparelhos digestivo e respiratório. Os grandes órgãos nacionais de comunicação, tais como a Rede Globo de Televisão e o Jornal do Brasil, assinalaram sua morte como sendo a de um dos maiores romancistas brasileiros.

Rede Globo

O «Jornal Nacional» da Rede Globo de Televisão, projetando a foto do nosso conterrâneo, qualificou-o como um dos 10 maiores romancistas do Brasil em todos os tempos, embora dos menos conhecidos pelo grande público.

O Jornal do Brasil do dia 6 dedica-lhe uma boa matéria em duas colunas de alto de página nobre, dizendo, entre muitas coisas, que ele e José Cândido de Carvalho, «um do norte e outro do sul, sempre aproveitaram a temática do Estado do Rio em sua literatura. São, a rigor, os dois grandes escritores fluminenses contemporâneos, embora o Estado nunca lhes tenha dado qualquer promoção oficial».

No «Pedro Ernesto»

No pequeno espaço de tempo que ficou no Hospital Pedro Ernesto depois de morto, enquanto aguardava a remoção para Resende, para lá acorreram seus amigos mais chegados, entre os quais muitos nomes famosos da nossa literatura e do nosso jornalismo, tais como Raul Bopp, Carlos Heitor Cony, Cícero Sandroni, José Itamar de Freitas, etc. Seu filho mais velho, jornalista Carlos Alfredo Macedo Miranda, declarou-nos que a família está gratíssima à equipe médica do dr. Humberto Peixoto, que o operou, principalmente à dedicação sem limites dos jovens assistentes dr. José Augusto e dra. Dalva, e a alguns enfermeiros que cuidaram de seu pai como se fosse alguém de suas próprias famílias.

A família

Macedo Miranda, além de sua mulher Ednir, deixa os filhos, pela ordem de idade, Maria Cláudia, Carlos Alfredo, Paula e Murilo, este último completando 13 anos no dia da morte do pai. Sua família em Resende é numerosa, deixando os irmãos Clarice Maia, Maria José (Zezé) Veloso, Sílvia Bopp, Helena Chaves Mirian Moutinho e Theopompo (Theo) de Godoy Vasconcelos. Era filho de Carlos (Carlito) Gastão de Miranda e Georgina Macedo Miranda.

Últimos tempos

Macedo, que durante algum tempo andou meio agastado com sua terra natal que, como o costuma acontecer, custou um pouco a lhe reconhecer os méritos (santo de casa não faz malgre), nos últimos tempos teve com ela uma perfeita reconciliação. Tudo terá começado talvez na grande festa que Resende lhe dedicou quatro anos atrás, quando completou 50 anos, por coincidência na gestão anterior do atual prefeito Aarão Soares da Rocha. Magalhães Júnior, falando pelos visitantes ilustres, uma caravana de cerca de trinta escritores e jornalistas que incluía o

próprio presidente da Academia Brasileira de Letras, exprimiu seu espanto pelo ineditismo do fato: uma pequena cidade do interior que consagrava ainda em vida um simples escritor, sem nenhum poder político ou econômico, com uma festa puramente do espírito, sem nenhuma outra finalidade extrínseca. Os íntimos de Macedo, que era um temperamento muito fechado, sabem quanto o comoveu a homenagem.

As férias dos últimos dois anos (o ano passado já bastante doente), Macedo passou-as em Penedo, cenário de alguns dos seus romances, no pequeno hotel de um de seus melhores amigos, o nosso editor Frederico Carvalho. Este pôde testemunhar a alegria do escritor pelos dias perfeitos que foram aqueles, nos quais podia alternar a solidão, comungada com a paisagem, livros e cadernos, queridos, e a convivência com amigos não menos queridos que o estavam sempre visitando.

A última grande alegria de Macedo em Resende foi a da notícia da reabertura do Museu e a da sugestão de outro de seus maiores amigos, nosso companheiro Altamiro Pimenta, propondo não só a ampliação do Museu para uma Casa de Cultura, como que lhe fosse dado o nome do romancista. Finalmente a renovação do nosso jornal também foi outra alegria para ele, que disse ao nosso editor quando da última visita deste ao Rio: «agora já posso mostrá-la aos amigos».

Últimos dias

Nosso companheiro Altamiro Pimenta foi um dos resendenses que mais amudadamente visitaram Macedo nas últimas semanas. Este, que sempre foi homem de muito escrever mas de pouco falar, ultimamente falava menos ainda, pois ao feitiço psicológico somava-se agora a dificuldade física. Altamiro ouviu algumas das suas últimas frases e vai relatar-nos tudo detalhadamente em artigo que lhe solicitamos.

As obras

É a seguinte a relação das obras de Macedo Miranda: A Hora Amarga (romance, edições O Cruzeiro, 1955); Litoral dos Medos (poemas, Serviço de Documentação do MEC, 1955); Lady Godiva (romance, Livraria São José, 1957); Pequeno Mundo Outrora (contos, Serviço de Documentação do MEC, 1957); A Cabeça do Papa (romance, edição GRD, 1962); As Três Chaves (contos, editora Letras e Artes, 1964); Roteiro da Agonia (romance, editora Civilização Brasileira, 1965); o Elefante Noturno (contos, edições Bloch, 1966); O Deus Faminto (romance, editora Civilização Brasileira, 1967); O Sol Escuro (romance, edições Bloch, 1968); O Rosto de Papel (romance, Gráfica Record Editora, 1969); Sábado Gordo (romance, Olivé Editor, 1970); e finalmente O Pão dos Mortos, (romance, Ebrasa, 1971). Inéditos, Macedo Miran-

da deixa ainda dois romances: Abismo Abismo e Rio dos Bois.

O enterro

O corpo de Macedo Miranda chegou a Resende, trazido por Alceu Campos, o Ceceu, na primeira hora do dia 6.

Aguardavam-no parentes e amigos na sala da Biblioteca Municipal, cujos livros, em grande parte, foram doados pelo próprio escritor, de modo que ele ficou cercado por seus próprios livros até as 11 horas da manhã, quando saiu o enterro. Acompanharão-no, o Prefeito Aarão Soares da Rocha, o deputado João Carlos Besouchet, vereadores, membros do Conselho Municipal de Cultura o seu amigo pessoal, ex-Governador do E. Rio, Badger Teixeira da Silveira, representantes da AMAN e de outros colégios da cidade, além de parentes e amigos. No cemitério, falaram nosso companheiro Frederico Carvalho em nome da Prefeitura, do Conselho e de «A Lira»; e o vereador Chelman Pustilnik em nome da Câmara Municipal.

Na Assembléia estadual

Na sessão do dia 7, o deputado João Carlos Besouchet, líder da Arena, apresentou moção de condolências à família de Macedo Miranda, subscrita por cerca de 18 deputados de ambos os partidos, que ali estavam presentes na ocasião. Estes, foram os termos da Moção:

«Os Deputados, subscritores desta Moção apresentam à Sra. Ednir de Macedo Miranda seus filhos e demais componentes de sua família, as mais sentidas condolências e o profundo pesar pelo passamento a cinco do corrente mês de março de 1974, de José Carlos de Macedo Miranda.

Escritor de nomeada no cenário fluminense, resendense de nascimento e apaixonado por sua terra natal, soube como ninguém, levar para seus ensaios e romances o cenário sul fluminense, onde cantou loas sobre o vale do Paraíba e soube, como ele só, dialogar com o velho rio, seu mais íntimo amigo desde sua infância.

Tal foi sua projeção no campo das letras que Adolpho Bloch soube reconhecê-lo e levá-lo para sua taba, onde muito pronto tornou-se cacique na direção e redação de Manchete e Fatos e Fotos.

Resende está de luto como enlutado fica o Estado do Rio de Janeiro. Resta o consolo de saber-se seu filho ora chamado pelo Criador, vai integrar a celestial casa dos Imortais.

Que sua inteligência e sua vivacidade em jogar com as palavras permaneçam entre nós, frutifiquem e se incorporem em escritores da nova geração, são os votos dos representantes do povo fluminense.

Salas das Sessões, de março de 1974.

Deputado João Carlos Besouchet»

Oração fúnebre

No momento de descer ao túmulo o corpo do escritor resendense Macedo Miranda, falando em nome da Prefeitura Municipal, do Conselho de Cultura, deste jornal e no seu próprio, nosso companheiro Frederico Carvalho pronunciou as seguintes palavras:

«Estas palavras são pronunciadas em nome de A Lira, da Prefeitura e do Conselho Municipal de Cultura, e no meu próprio.

A Lira, o jornal que

representa a voz do povo de Resende há setenta e seis anos. Voz a que a sua, Macedo Miranda, sempre se juntou, desde os primeiros escritos até às últimas energias, consumidas antes que o tempo as consumisse naturalmente, o que acrescenta ao enigma da vida o mistério da iniquidade.

A Prefeitura, através do Conselho de Cultura, que hoje procura dar consequência ao seu pioneirismo de mais de

vinte anos. E que têm consciência de estarmos vivendo, aqui e agora, uma cena que, sem nenhuma ênfase, e muito menos grandiloquência, devemos chamar, com toda a simplicidade, de momento histórico.

É que estamos devolvendo ao chão que tanto amou, e que melhor do que ninguém exprimiu, aquele, entre os resendenses, que talvez seja o único capaz de inscrever o nome desta cidade nos livros que

contarão, através dos tempos, como foi a história da literatura deste grande país.

E agora, velho Zuza, uma palavra do amigo, do irmão de parteira.

Que, garoto, era da turma do Rosário, enquanto você era do Lavapés.

Mas que se lembra de você garoto, pálido de medo, agredindo com espantosa fúria nas antigas peladas.

E que adolescente, já seu amigo de todas as

horas, recorda-o também pálido, agora pálido de amor, agredindo com fúria não menos espantosa a mentira, a falsidade, a hipocrisia. E já não mais com os pés, mas com as mãos, das quais brotavam as palavras surpreendentes, terríveis, mortais, disparadas no coração da iniquidade, esse mistério que multiplica por dois o infinito mistério da vida.

Quantas vezes viemos passear juntos nesta colina.

Bisbilhotar túmulos.

Contemplar a cidade, seus campos, suas montanhas.

Familiarizavamo-nos com este bairro que — já descobrimos em nosso sangue — seria nossa definitiva residência.

Trocávamos nossos silêncios, às vezes a mais alta forma de expressão.

E eis o que já sabíamos: o tempo passa.

Logo estaremos aqui; até breve, companheiro.»